



Cantos dos lugares: paisagens musicais

Apresentação e edição: Valéria de Paula Martins

Masterização: Leobaldo Prado

Arquivos em pdf: Vitória Brasileira

Os sons não costumam ter muito espaço nas nossas etnografias.

Ficamos mais atentas e atentos ao que vemos, e os filmes feitos em campo são bem mais comuns que os registros e composições etnográficas estritamente sonoras.

De toda forma, sabemos o quanto os sons, para além das palavras, e os silêncios, nos informam.

O quanto eles são indícios, pistas, indicações muitas vezes preciosas pro nosso trabalho antropológico. Um trabalho que demanda uma boa dose de atenção aos detalhes, numa espécie de composição artesanal, sempre fugidia, a partir do que ouvimos, vemos, sentimos, pensamos.

Sensibilidades Antropológicas
suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia



Eu queria compartilhar com vocês, neste episódio, sons do meu campo. Mas no processo de preparação dele, vejam só, percebi que eu não tinha registrado sons corriqueiros, tão presentes nas minhas andanças pelas imediações do córrego do Machado, no Médio Jequitinhonha: um cavalo que vai se aproximando e depois se afastando, com seu cavalgar; um galo que canta; o som do mexer e remexer das panelas dispostas nos suspiros do fogão de lenha; uma moto que passa.

Falando disso, me lembrei que no decorrer da pesquisa, algo que me impressionou foi o quanto meus interlocutores e interlocutoras conhecem o entorno de onde vivem, o que inclui o que pode ser visto e o que pode ser ouvido. Também o que não pode, mas isso já é outra história.

Lembro que eles mencionavam árvores determinadas em tal ou qual curva da estrada, pedras específicas, declives e aclives (muitos, inclusive, nomeados, como a subida - ou descida - da Pedra Lisa, entre Machado e Jenipapo de Minas).



Conhecem estradas e carreiros de forma minuciosa. Sabem exatamente a localização dos povoados, uns em relação aos outros, e quase sempre a das casas das pessoas, além das formas possíveis de se chegar lá – a pé, a cavalo, de moto ou carro, conforme o caso.

Sabem exatamente onde pode ser encontrada determinada planta, ou arbusto, onde pode ser retirado determinado tipo de barro.

À noite, cidades vizinhas são localizadas pelo clarão que se vê em um ou outro ponto do horizonte. Quando se quer fazer referência a um lugar, aponta-se com a mão sua direção, com precisão. Pode-se ainda usar gravetos ou os próprios pés para riscar a terra e indicar, assim, a direção de sua localização.

Reconhecem-se rastros no chão, e esse reconhecimento auxilia na dedução de uma série de informações: quem ou que animal passou por um caminho, há quanto tempo, e ainda se é uma criança ou adulto, pelo tamanho do rastro.



Muitas vezes, se é homem ou mulher, pelo formato. Aliando essas informações ao local no qual se vê o rastro, pode-se presumir quem foi a pessoa que passou por aquele lugar, quando, e ainda supor o seu local de destino. Esses cálculos são feitos corriqueiramente.

E também o som compõe essa rede de indícios, essa espécie de cartografia viva dos movimentos das pessoas, do tempo e da ocupação do espaço por ali: por meio de ruídos, é possível saber, por exemplo, em Machado, o momento em que o ônibus da escola está próximo, e assim, que horas são. Também, reconhecer a moto que passa, como sendo de um ou outro rapaz. Ainda, se estão indo ou vindo do vilarejo.

Com o tempo, para lembrar o célebre texto de Anthony Seeger sobre o trabalho de campo entre os Kisêdjê, comecei a treinar meus ouvidos e meus olhos para perceber o que meus interlocutores percebiam, embora sem tanto sucesso, como se pode presumir.



Talvez, de todo modo, eu tenha aprendido o suficiente para não querer registrar. Ou talvez, eu tinha a confiança de que aqueles sons se repetiriam, mesmo com alguma variação, no mesmo dia, no dia seguinte, mas se repetiriam, e eu não precisaria de alguma forma retê-los.

O que registrei, e compartilho com vocês neste episódio, são diferentes cantos que ouvi. E que compõem uma espécie de paisagem musical da região: a música ouvida no rádio; outra cantada em volta de uma fogueira em meio a conversas na casa do cantador Louro Mota; o ambiente festivo da Queima do Judas, no sábado de Aleluia, em Machado, e ainda dois cantos de oração, o primeiro no Terço do Divino, rezado na casa da cantadeira Neide, na comunidade do Setúbal, e o seguinte no Terço de Bom Jesus, rezado na casa do velho cantador Bernardo, na comunidade de Ribeirão de Areia.

Espero, com este compartilhamento, que a atmosfera desses ambientes e seus cantos possa visitar os espaços em que vocês se encontram agora, ou que vocês, agora, possam visitar esses ambientes e seus cantos.

Sensibilidades Antropológicas
suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia



Meu nome é Valéria de Paula Martins, eu sou antropóloga e professora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais.

No sítio eletrônico poeticasdaterra.org, na página do Sensibilidades Antropológicas, é possível encontrar arquivos associados a esse episódio e a versão escrita dele.

Esse podcast faz parte da rede kere-kere de podcasts em antropologia, que é possível conhecer pelo sítio eletrônico radiokere-kere.org

Se quiser comentar, fazer sugestões ou trocar ideias, fique à vontade para entrar em contato conosco pelo endereço eletrônico sensibilidadesantropologicas@gmail.com



música ouvida
no rádio

cantoria em volta da fogueira na casa do
cantador Louro Mota

ambiente da Queima do Judas, em Machado



terço do Divino na casa da cantadeira Neide, em
Setúbal

terço de Bom de Jesus na casa do cantador
Bernardo, em Ribeirão de Areia

vinheta de encerramento